

## LICÃO 13 – O LEGADO DE MOISÉS

Subsídio elaborado por Inacio de  
Carvalho Neto. E-mail do  
autor: [inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br](mailto:inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br).

### Texto áureo:

#### **DEUTERONÔMIO 34**

**7 Era Moisés da idade de cento e vinte anos quando morreu; os seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu ele o seu vigor.**

- Este versículo reitera a informação dada em Dt. 31.2: Moisés morreu com cento e vinte anos de idade. Embora estivesse com tão avançada idade, Moisés não morreu devido aos efeitos de um corpo físico desgastado; nem morreu por motivo de enfermidade. De alguma forma, a sua juventude foi preservada até o fim. Ele se encontrava em um notável estado de saúde.

- No hebraico, a palavra traduzida aqui por “vigor” aparece somente neste versículo, embora termos cognatos, em outros trechos, possam ser traduzidos por “frescor”, “umidade” etc, sempre usados acerca de madeiras ou de árvores (ver Gn. 30.37; Nm. 6.3; Ez. 17.24). Essa palavra também é usada para indicar cordas verdes, ou seja, não-ressecadas, conforme se vê no caso da corda com que Sansão foi amarrado (ver Jz. 16.7,8).

- Até mesmo a visão deficiente, que aflige a maioria das pessoas de idade avançada, não constituía problema para Moisés, até o fim de sua vida, um detalhe que nos assegura suas boas condições gerais de saúde. Por conseguinte, ocorreu com Moisés aquilo que foi dito como uma bênção especial: " a tua força será como os teus dias" (Dt. 33.25).

- A vida de Moisés pode ser dividida em três fases, com 40 anos cada, perfazendo o total de 120 anos. Na primeira fase, Moisés, no Egito, criado como filho da filha de Faraó, acreditava na sua própria capacidade. Na segunda fase, Moisés, no deserto, aprendeu que sua própria capacidade de nada lhe valia. Na terceira fase, Moisés, liderando o povo no êxodo e rumo à Terra Prometida, constatou o que Deus podia fazer por seu intermédio. Em resumo, podemos dizer que Moisés passou 40 anos pensando que era alguém, 40 anos aprendendo que não era ninguém e 40 anos vendo o que Deus pode fazer por meio de um ninguém.

### Texto da leitura bíblica em classe:

#### **DEUTERONÔMIO 34**

**10 E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o SENHOR conhecera face a face;**

- Os grandes destaques na vida de Moisés foram sua íntima comunhão com Deus e sua compreensão da natureza e da pessoa de Deus. O desejo supremo de todos os crentes deve ser

conhecer a Deus e experimentar estreita comunhão com Ele. É o seu maior privilégio e direito como filhos de Deus (Jo. 1.12; 17.3; Rm. 8.14,15; Gl. 4.6).

- Moisés foi a única pessoa a falar com Deus face a face (Ex. 33.11; Nm. 12.8). Ele foi chamado o maior profeta de Israel. Mesmo sendo um grande homem, não teve permissão para entrar na Terra Prometida, porque desobedeceu a Deus (Nm. 20.12). Não importa quão bons possamos ser ou quanto fizemos para Deus, às vezes nós O desobedecemos. Em consequência, seremos disciplinados.

- Deus disciplinou Moisés severamente, mas ainda o chamou de amigo. Quando experimentamos a dor da disciplina de Deus, devemos fazer como Moisés: não devemos ficar com raiva, confusos ou ressentidos. Devemos voltar-nos para Deus com carinho e com o desejo de fazer o melhor.

- Nenhuma pessoa que está em Cristo, e que cultiva uma vida interior consagrada a Deus, e uma vida exterior de santidade, deixará de ter consigo a presença e a graça de Deus. A comunhão com Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) é a maior promessa e recompensa do crente (Jo. 14.15-21,23,26; Ap. 3.20).

### **11 nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o SENHOR o enviou para fazer na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra;**

- Começou pelos prodígios realizados no Egito, ou seja, as Dez Pragas. Em seguida, Moisés operou vários prodígios durante as perambulações pelo deserto, como quando bateu na rocha e a água esguichou (ver Ex. 17.6). Ben Israel atribuiu setenta e seis milagres a Moisés, e somente setenta e quatro a todos os outros profetas juntos (ver Maimônides, *Yesode Hatorah*, secs. 6-9).

- Moisés introduziu uma nova era na história do povo de Deus, a era da lei. Os israelitas ficaram esperando que Deus levantasse outro profeta, semelhante a Moisés (Dt. 18.15). Desse modo, o livro termina com uma nota profética.

- Moisés foi mais do que um profeta. Ele foi o porta-voz de Deus, embora também tivesse sido o grande líder carismático dos israelitas, em tudo quanto foi feito por esse povo. Por conseguinte, ele combinou em si mesmo todos os ofícios de profeta, sacerdote, governante e juiz que houve em Israel. Contudo, o mais importante de todos os papéis que ele desempenhou foi o de intérprete da vontade e dos propósitos de Deus. Nesse sentido, foi a maior de todas as figuras de Israel, alguém que, mui provavelmente, serviu de inspiração e modelo do Servo Sofredor do segundo Isaías.

### **12 e em toda a mão forte e em todo o espanto grande que operou Moisés aos olhos de todo o Israel.**

- Moisés, o homem que não queria ser enviado ao Egito por não ser eloquente (Ex. 4.10), fez três discursos para Israel, que compõem o livro de Deuteronômio. Deus deu a ele o poder de progredir; de pastor “pesado de boca e pesado de língua”, Moisés tornou-se um líder nacional e poderoso orador. Sua coragem, humildade e sabedoria ajudou a transformar os escravos hebreus em uma nação. Mas Moisés foi uma pessoa que não deixou que o sucesso lhe subisse à cabeça.

- No fim, Deus ainda era o melhor amigo de Moisés. Seu amor, respeito e temor de Deus cresceu diariamente ao longo de sua vida. Moisés sabia que nada havia em si mesmo que o tornasse bem-

sucedido; foi na grandeza do Deus Todo-Poderoso que ele confiou. Houve muitos grandes e poderosos profetas na época dos reis de Israel. Porém, só após mais de mil anos surgiria um maior do que Moisés: Jesus.

## **HEBREUS 11**

### **23 Pela fé, Moisés, já nascido, foi escondido três meses por seus pais, porque viram que era um menino formoso; e não temeram o mandamento do rei.**

- Os pais de Moisés confiaram em Deus para proteger a vida de seu filho. Eles não eram meramente pais orgulhosos; eram crentes que confiavam que Deus cuidaria do menino Moisés.

- Deus tem um plano para cada pessoa, e uma de nossas importantes tarefas é orar por nossos filhos e prepará-los para fazer a obra que Deus planejou para cada um deles. A fé nos permite confiar até os nossos filhos a Deus.

- A fé de seus pais é que é aqui descrita, e não a de Moisés propriamente, que é tratada em seguida. O autor sagrado fala mais sobre Moisés do que sobre todos os demais personagens, com exceção de Abraão, mencionando cinco instâncias de fé no tocante à vida de Moisés. O primeiro caso, na realidade, foi uma instância da fé de seus pais; os dois últimos casos incluem a fé dos filhos de Israel, ao acompanharem-no para fora do Egito. Os dois casos do meio (ver os versículos 24 e 27) são extraídos diretamente de seu próprio exercício de fé, decisões que ele tomou sozinho, mas que muito lhe custou, segundo o mundo julga o valor das coisas.

- Há algo de significativo no fato de que o grande legislador se tornou uma das ilustrações de fé mais extraordinárias, entre as usadas pelo autor sagrado. Ele já mostrara que Moisés fora fiel a Deus como servo em sua casa (ver Hb. 3.2,5); e agora revela-nos outros aspectos de sua vida, que ilustram particularmente a sua grande fé.

- A vida de Moisés começou com um ato de fé ousado e bem planejado, da parte de seus pais. Moisés foi embalado na fé. Eis uma coisa comum, o nascimento de um bebê do sexo masculino. A fé, conforme parece dizer a antiga história, não está reservada aos heróis. Pode ser um dom dado a pessoas comuns, e incorporado nos deveres com que se defrontam todos os pais. Em um sentido real, cada criança é uma expressão de fé no futuro. Quando nossos filhos começam a crescer para a maturidade, pomos neles a nossa esperança.

- A fé dos pais de Moisés se acendeu porque viram que a criança era “formosa”. O sentido desta palavra não é claro. Todos os pais são notoriamente prejudicados por conceitos sobre a beleza de seus filhinhos. Até onde os corações amorosos revestem a criança recém-nascida com altas esperanças de favor divino, estão certos esses corações. Naquilo em que veem a beleza como reflexo de seu próprio amor, veem com mais clareza do que as pessoas desinteressadas.

- É possível que os pais de Moisés tivessem visto na incomum formosura do infante um sinal da parte de Deus, de que aquele menino teria uma missão importante a realizar. A fé também foi atribuída àqueles pais porque não temeram o decreto do rei. Nessa fé, não ficaram sozinhos. Pois Faraó encontrou grandes dificuldades em por em vigor o seu edito; as parteiras desobedeceram às suas instruções, porquanto temiam a Deus (ver Ex. 1.17).

- Estevão, em At. 7.20, chama Moisés de criança formosa “aos olhos de Deus”. Evidentemente isso era tomado como sinal de um favor divino especial por Moisés, mostrando que ele tinha a cumprir alguma missão extraordinária. Por isso, merecia ele ser protegido.

- A fé deles consistiu na confiança amorosa em Deus, que lhes dera criança tão formosa, o que os levou a realizar por ela tudo quanto estava a seu alcance, conferindo-lhe os deveres paternos, e não o tratamento cruel que o tirano prescrevera.

- Os nomes dos pais de Moisés eram Anrão e Joquebede (ver Nm. 26.59). A narrativa no livro de Êxodo menciona apenas a ação materna. Podemos supor que o pai aprovou o que era feito por ela, prestando-lhe ajuda. A mãe e o pai de Moisés concordaram quanto à proteção dispensada à criança; confiaram juntos em Deus acerca do bem-estar do menino, e se arriscaram a morrer, ao assim agirem. Quantos pais têm este cuidado acerca do bem-estar espiritual de seus filhos?

- O “mandamento do rei” refere-se à ordem do Faraó daquela época no sentido de que cada filho masculino, nascido entre os hebreus, fosse afogado no rio, mas que suas filhas fossem poupadas. O rei do Egito temia o rápido aumento da população escrava, temendo uma eventual revolta entre eles.

- Os Faraós referidos na narrativa do Antigo Testamento: 1. Houve um Faraó, contemporâneo de Abraão (1900-1778 a.C.). 2. Houve um contemporâneo de José (Gn. 37 a 50). Já que José viveu em cerca de 1700 a.C., mui provavelmente esse Faraó foi um dos reis hicsos, da 15ª. dinastia . 3. Os Faraós da opressão. Não sabemos quantos reis estão envolvidos no relato do primeiro e do segundo capítulos do livro de Êxodo. Talvez tenha havido dois deles. 4. O Faraó do próprio êxodo (ver Ex. 5 a 12). Se esse acontecimento teve lugar na primeira metade do século XIII a.C., mui provavelmente esse Faraó foi Ramessés II. 5. O pai de Bitia, esposa de Merede, da tribo de Judá (ver 1Cr. 5.18). A data da vida de Bitia e de seu pai real é incerta, pelo que ele não foi positivamente identificado. 6. O Faraó que recebeu o jovem príncipe Hadade, de Edom, ao refugiar-se de Davi e das devastações de Joabe entre os edomitas (ver 1Rs. 11.18-22). Esse Faraó viveu no fim da hegemonia da 21ª. dinastia, podendo ter sido Amenemope ou Simum. 7. O Faraó que conquistou Gezer e a deu como dote a uma de suas filhas, que contraiu matrimônio com Salomão (ver 1Rs. 9.16). Os dois últimos Faraós da 21ª. dinastia viveram durante o reinado de Salomão (a começar em 980 a.C.). Simum, mui provavelmente, foi o Faraó que deu início a esse período (mencionado como aquele que deu uma filha em casamento a Salomão), e Psusenes II foi o Faraó que se seguiu, ainda durante a época de Salomão. 8. Após mais algum tempo, seguindo-se a narrativa do Antigo Testamento, aparece Sisaque, fundador da 22ª. dinastia. Foi contemporâneo do profeta Oséias. 9. Tiraca, da 25ª. dinastia. 10. Neco, segundo Faraó da 26ª. dinastia, o Faraó referido no trecho de Jr. 25.19.

## **24 Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó,**

- Moisés se tornou um dos maiores líderes de Israel, um profeta e um legislador. Mas, quando ele nasceu, seu povo era escravo no Egito, e os oficiais egípcios haviam ordenado que todos os meninos hebreus fossem mortos. Porém, Moisés foi poupado, e a filha de Faraó o criou na própria casa do Faraó.

- Anos depois, foi necessário fé para Moisés desistir de seu lugar no palácio, mas ele pôs fazer isso porque percebeu a natureza passageira daquela grande riqueza e prestígios. É fácil ser enganado pelos benefícios temporários da riqueza, da popularidade, da posição social e da conquista, e ficar cego em relação aos benefícios de longo prazo do Reino de Deus. A fé nos

ajuda a olhar além do sistema de valores do mundo, para que possamos enxergar os valores eternos do Reino de Deus.

- Vários intérpretes supõem que Moises poderia tornar-se o Faraó seguinte, se tivesse permanecido no agrado da corte egípcia. Não temos meios para julgar tal possibilidade. Seja como for, ele tinha muito a perder se abandonasse sua privilegiada posição; e, do ponto de vista natural, nada tinha a ganhar senão a miséria, ao identificar-se com o povo escravizado. Moisés desistiu de uma invejável posição, das riquezas da casa real, do prestígio de elevada posição oficial.

- Ele deve ter sido informado, relativamente cedo em sua vida, acerca de sua verdadeira origem. Durante anos ele pode observar a brutalidade dos egípcios e a triste sorte de seu povo. Tudo isso contribuiu para deixá-lo revoltado; e compreendeu que, algum dia, seria obrigado a defender a justiça, a despeito de quaisquer sacrifícios pessoais que isso envolvesse. Quando chegou a uma idade suficiente (quarenta anos, segundo se lê em At. 7.22,23), ele agiu sem hesitação. A fé o fez desconsiderar a perda em potencial, levando-o a respeitar exclusivamente o favor divino, sem importar o resultado disso.

- Josefo declara que, quando Moisés ainda era criança, lançou por terra, em atitude de desprezo, um diadema que fora posto sobre sua cabeça. Isso teria sido apenas uma prefiguração de sua recusa em aceitar o favor e a adoção de Termutis, a filha de Faraó. Fiazze Smith escreve: “Ramessés Sesostris, que reinou em Tebas, condenou sua filha, Thuoris, a sacrificar-se a si mesma, por causa da ambição dele. Seu exílio, no delta (do rio Nilo) foi providencialmente dirigido para propiciar a preservação de Moisés. Foi-lhe oferecida a coroa do Egito, se quisesse reconhecer-se como filho dela. Os monumentos demonstram quão prodigiosa riqueza e quão grande poder ele rejeitou, por causa da própria consciência. Setos II, um indivíduo degenerado, ascendeu ao trono em lugar de Moisés, e pereceu no mar Vermelho”.

- O Antigo Testamento não nos conta a história dessa rejeição; mas ela é bem comum na tradição judaica, sendo confirmada por Filo (ver Vita no § 7 .p. 85 e ss.). Visto que a questão e suas ocorrências circunstantes repousam sobre a tradição, não sabemos quanto dessa tradição é digna de confiança. É indubitavelmente verdadeiro, porém, que houve um memorável incidente, na vida de Moisés, que foi preservado, de vários modos, nas tradições judaicas.

- Moisés já era adulto quando fez sua importantíssima decisão. O que ele fez não podia ser explicado como precipitação própria da juventude. A expressão “sendo já grande” traduz o original grego, que significa literalmente “ficar grande”. Por essa razão, alguns estudiosos supõem que ele tomou essa decisão quando atingiu alguma posição de grandeza reconhecida. Porém, a referência, sem dúvida alguma, é ao seu avanço na idade, e não no prestígio, embora isso também possa ter sido verdade.

- A decisão de Moisés se baseou no desgosto com o tipo de vida que os egípcios levavam, mas também se baseou na simpatia por seu próprio povo sofredor, segundo nos mostram os versículos que se seguem. Ele teve fé no Deus invisível, a quem julgava estar agradando, com as suas ações (ver o v. 27 deste capítulo). Vemos claramente que a fé exige grande sacrifício—o sacrifício dos prazeres pecaminosos e do prestígio mundano. A fé requer uma nova perspectiva do mundo, em que as realidades espirituais sejam destacadas.

**25 Escolhendo, antes, ser maltratado com o povo de Deus do que por, um pouco de tempo, ter o gozo do pecado;**

- Todo crente tem que, repetidas vezes, fazer a escolha de, ou desfrutar dos prazeres passageiros do pecado, ou sofrer, obedecendo continuamente à vontade de Deus (ver Gl. 5.17).

**26 tendo, por maiores riquezas, o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa.**

- O autor aos hebreus fala em maiores riquezas do que os tesouros do Egito, em primeiro lugar, porque é melhor fazermos o que é direito, ainda que isso nos leve à miséria, e não desfrutar os frutos malignos dos prazeres e do lazer que derivam das ações errôneas e condenadas. Em segundo lugar, a lei moral do universo exige uma eventual correção de todos os erros, uma prestação de contas completa, o que envolverá galardões conferidos aos justos e punição aos injustos. Isso faz parte da lei da colheita segundo a sementeira (ver Gl. 6.7,8). Isso se aplica até mesmo ao crente, conforme se aprende em 2Co. 5.10.

- Os leitores originais desta epístola corriam o perigo de desprezarem a atitude e a fé de Moisés. Ele sacrificara muitíssimo para que seu povo de Israel fosse conduzido por Cristo. Mas os leitores originais da epístola já começavam a tratar com menosprezo essa doutrina, já tendo começado a desviar-se de Cristo. Essa é a razão por que este tratado foi escrito. Trata-se, essencialmente, de uma advertência contra tal indiferença e desvio, o que pode levar o indivíduo à fatal apostasia. Portanto, este livro contém muitas severas advertências (ver Hb. 2.1 e ss.; 6.1 e ss. e 10.26 e ss.).

- A palavra “vitupério”, no original grego, é *oneidismos*, que significa “desgraça”, “insulto”, “reprimenda”. Moisés haveria de sofrer os mesmos maus-tratos infligidos a seus compatriotas escravizados. Mas, para Moisés, isso pareceu melhor do que aliar-se aos egípcios; pois Deus realmente controla tudo, e, finalmente, recompensará todos aqueles que defenderem a justiça e o direito. Aprendemos, uma vez mais, que há um elevadíssimo preço a ser pago por quem quiser viver piedosamente. Contudo, o próprio Senhor Jesus teve de pagar tal preço.

- O escritor aos hebreus usa a menção a Cristo como uma expressão corrente, colorindo a história de Moisés com um colorido cristão (comparar com Rm. 15.3; Hb. 13.13; 2Co. 1.5; Cl. 1.24; Fp. 3.14 e 1Pe. 4:14).

- O autor sagrado atribui a Moisés certo discernimento messiânico, no tocante aos acontecimentos de seus dias. A visão messiânica, em meio às desgraças que atingiam o povo de Israel, levou Moisés a sacrificar tudo quanto tinha. Isso pode ser confrontado com o trecho de 1Co. 10.4, que diz: “e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo”.

- Assim sendo, Moisés já fora visto como servo na casa sobre a qual o Filho de Deus exercia autoridade (ver Hb. 3.1 e ss). Ao trazer ao primeiro plano essa espécie de interpretação, o autor sagrado dá à história de Moisés um colorido que beneficiaria os seus leitores. Estes já tinham recebido maior revelação que aquela dada a Moisés; mas, diferentemente dele, não estavam dispostos a sofrer o opróbrio de Cristo, mas antes, estavam prestes a abandoná-lo e a apostatarem dele, por não terem a coragem espiritual de se porem a seu lado, conforme Moisés fizera.

- A menção de Cristo, neste ponto, tem sido interpretada de várias formas, segundo se vê: 1. Moisés teve uma espécie de discernimento messiânico, suficiente para merecer aqui essa forma de expressão. 2. A congregação do Antigo Testamento foi criada pelo Cristo preexistente; e

assim, antes mesmo de sua manifestação como o Messias, as coisas sofridas pelo povo de Deus podem ser consideradas como sofridas por amor a Cristo, a quem, realmente, tinham como seu Senhor, a despeito do nível inferior de revelação messiânica em que ainda viviam. 3. Alguns estudiosos veem aqui o ensinamento sobre a união mística entre Cristo e a sua igreja; e assim, o que ele sofre, eles também sofrem (ver Cl. 1.24). Há nisso uma grande verdade; mas ela transparece especificamente nas páginas do Novo Testamento, sendo difícil que o autor sagrado tivesse querido salientá-la, exceto como aplicação do que ele dizia, e não como uma interpretação direta. 4. O autor sagrado meramente empregou uma comum e corrente cristianização do Antigo Testamento, visando o benefício de seus leitores cristãos, sem qualquer ideia de dizer algo muito profundo sobre o discernimento messiânico de Moisés.

- Há alguma verdade em todas essas quatro interpretações; mas a última é a mais aplicável ao presente versículo. Entretanto, não há que duvidar que o autor sagrado queria que seus leitores supusessem que o tipo de perseguição que Moisés enfrentara foi o mesmo tipo que o próprio Jesus enfrentou, o que, subseqüentemente, deve tornar-se experiência de todos os verdadeiros seguidores de Cristo, conforme o próprio Senhor Jesus predisse, em Jo. 15.18 e ss. O autor repreende indiretamente os seus leitores originais, por estarem dispostos a sofrer tão pouco por causa de Cristo, o que era justamente o contrário do exemplo deixado por Moisés.

- Quando se fala em recompensas, está em foco o galardão temporal, o da vitória em meio à luta pela liberdade do povo. Mas também está em vista, segundo as exigências do texto sagrado, aquele galardão espiritual e eterno, que será conferido pelo serviço fielmente prestado (ver, a propósito, 1Co. 3.14 e 2Tm. 4.8).

- Uma vez mais está em evidência o tipo de definição que o autor oferece acerca da fé em Hb. 11.2. Envolve o discernimento espiritual e a entrega a princípios próprios do mundo eterno. Trata-se de uma fé permanente, que vê aquele que é invisível (ver o versículo seguinte). Consiste em considerarmos a “recompensa” do mundo espiritual, mesmo quando os sentidos ordinários não podem perceber esse mundo, e quando a maioria dos homens nem acredita em um mundo futuro melhor.

### **27 Pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível.**

- Mui provavelmente, a expressão “deixou o Egito” aponta para a fuga de Moisés para a terra de Midiã, depois que ele matara o egípcio abusador, quando Faraó, ao ouvir a notícia, planejou matar a Moisés, segundo o registro de Ex. 2.13 e ss.

- Foi em Midiã que Moisés contraiu matrimônio pela primeira vez, com uma mulher gentílica. Foi também ali que aguardou, por longo tempo, no deserto, antes da chamada de seu retorno para preparar o povo israelita para o êxodo. Aqueles foram importantes anos de preparação; e Moisés recebeu então a revelação especial de Deus como o “Sou o que Sou” (ver Ex. 3.14). Ali foi que Moisés aprendeu a confiar no poder de Deus, tendo sido fortalecido para poder enfrentar a ira de Faraó.

- Entretanto, alguns eruditos pensam que essas palavras aludem ao próprio êxodo; e isso é possível, mas não concorda bem com o contexto, pois o v. 29 parece mencionar isso pela primeira vez. Outrossim, parece que o intuito do autor sagrado foi o de mostrar que cada passo importante, na vida de Moisés, foi dado no poder da fé. A fuga para Midiã foi um acontecimento

importante, cujo desígnio foi o de preparar a Moisés para a sua tarefa; e é bem provável que isso esteja em vista, no presente versículo.

- Os quarenta anos em Mídia foram um período de teste e espera. Lembramo-nos dos quarenta dias que o Senhor Jesus passou no deserto. Quarenta é o número da prova, do teste. Aqueles quarenta dias, meses ou anos podem ser um período de valiosa purificação e preparação, se não ficarmos amargurados e desiludidos.

- O trabalho de Moisés tornou-se a simples tarefa de cuidar de ovelhas. Talvez ele tenha pensado que Deus abandonara os seus propósitos. Ao invés disso, porém, Deus estava tomando as medidas preparatórias para cumprir seus propósitos. Moisés, mediante a fé, se tornou instrumento nas mãos do Senhor. Mas não houve coisa alguma de automático em tudo isso: foram necessários muitos anos de trabalho e de treinamento árduo. Não houve nenhum êxodo imediato; e até mesmo a despeito da preparação tão longa, essa foi realizada em meio a grandes agonias. Ora, se o grande Moisés teve de passar por essa forma de teste e de treinamento, a fim de sair-se finalmente vitorioso, quanto mais o precisamos todos nós!

- Notemos a ordem de acontecimentos, na vida de Moisés, que ilustram a sua fé: 1. Seu nascimento e a proteção durante seus primeiros dias de vida (Hb. 11.23); 2. Sua decisão de tornar-se independente das corrupções do Egito (Hb. 11.24); 3. Sua identificação com o povo de Deus (Hb. 11.25); 4. Seu desenvolvimento espiritual, mediante o que Deus foi reconhecido como galardoador (Hb. 11.26); 5. Sua fuga para Midiã e o conseqüente abandono do Egito (Hb. 11.27); 6. A observância da Páscoa (Hb. 11.28); e 7. O próprio êxodo (Hb. 11.29).

- O “invisível” é Deus Pai ou Cristo; o mais provável é Cristo, por ter sido mencionado no versículo anterior. O autor sagrado mostra-nos que Cristo foi o objeto real da fé de Moisés, tal e qual deve suceder a todos nós. Também mostrou o autor sagrado que Moisés foi leal a Cristo, ficando entendido que, sem esse espírito de lealdade, jamais ele poderia ter feito o que realizou.

- A fé consiste na outorga da própria alma aos cuidados de Cristo, aquele que é invisível para o homem natural. Mas Cristo não é invisível para a alma remida, aquela porção de nós que “reconhece espiritualmente” as coisas. O autor sagrado já havia demonstrado, no segundo versículo deste capítulo, que a fé consiste, essencialmente, na outorga da alma ao mundo invisível e superior, de tal modo que o indivíduo que vive pela fé, vive de acordo com as dimensões eternas.

- No dizer de Robertson: “Esse é o segredo da preferência e da lealdade de Moisés a Deus e ao povo de Deus. Esse é também o segredo da lealdade de qualquer ministro, em nossos dias, que é o intérprete de Deus perante os homens (ver 2Co. 4.16-18)”.

- Moisés fugiu com medo do rei do Egito (ver Ex. 2.14), o qual procurava matá-lo. Mas o texto deste versículo diz que ele não temeu a ira do rei. Vaughan faz a distinção entre os tipos de temor envolvidos na vida de Moisés. Diz ele: “Os dois temores são diferentes—um se originou do fato de ter sido descoberto que ele matara ao egípcio; o outro foi o temor da ira de Faraó, ao ter descoberto que ele fugira. Temeu, e, portanto, fugiu; não temeu, e, portanto, fugiu”.

- O autor sagrado, entretanto, mais provavelmente ignorou os detalhes ínfimos como esses na narrativa do Antigo Testamento, não tendo procurado fazer qualquer avaliação concordar em tudo com todas as pequenas particularidades. Todavia, existem outras explanações que têm sido feitas pelos intérpretes. Uma delas é que Moisés partiu motivado por um impulso (inspirado pelo



temor), tencionando voltar (inspirado pela coragem). Porém, isso vai de encontro à narrativa do Antigo Testamento de modo insolúvel.

- Simplesmente não temos nenhuma necessidade de tentar explicar a diferença entre o temor de Moisés, no relato veterotestamentário, e o temor de Moisés dentro da narrativa desta epístola aos Hebreus, pois o autor sagrado não se preocupava com tais detalhes; pois, caso contrário, teria seguido mais de perto a narrativa do Antigo Testamento.

- Disso se aprende que o verdadeiro caráter da fé consiste em ter a Deus sempre diante dos olhos; em segundo lugar, que a fé contempla mais alto e as coisas mais ocultas de Deus do que nossos sentidos poderiam perceber; e, em terceiro lugar, que basta a visão de Deus para fortalecer a nossa fraqueza, de modo a nos tornarmos mais firmes do que as rochas, capazes de resistir a todos os assédios de Satanás. E disso se segue que, quanto mais fraco e menos resoluto alguém se mostra, mais débil é a sua fé.

### **28 Pela fé, celebrou a Páscoa e a aspersão do sangue, para que o destruidor dos primogênitos lhes não tocasse.**

- A advertência sobre a matança dos primogênitos, executada pelo anjo da morte, foi levada a sério pelos israelitas, mediante a influência de Moisés. Isso levou a uma preparação apropriada por parte deles. Homens sem fé, entretanto, perderam seus filhos primogênitos, naquela noite. A experiência no deserto ensinara a Moisés a confiar explicitamente em Deus.

- A aspersão do sangue simbolizou a expiação de Cristo, mediante a salvação que é conferida àqueles que nele confiam. O sangue foi aspergido nas vergas e ombreiras das portas, a fim de que o anjo da morte notasse quais casas estavam protegidas. A proteção estava no sinal de sangue. Já os egípcios incrédulos não quiseram proteger-se com esse sinal, e a destruição os atingiu em cheio.

- O “destruidor dos primogênitos” era o anjo da morte (ver Ex. 12.23). Ele é símbolo do que é provocado pelo pecado não-expiado; e também simboliza a ira divina.

- Foi uma fé notável, aquela que permitiu a Moisés prometer confiantemente ao povo israelita a proteção que os impediu de serem destruídos. Por parte deles, por igual modo, houve a manifestação de uma grande fé. A fé, por conseguinte, pode ser encorajada pelo exemplo, e o exemplo de Moisés inspirou uma nação inteira.

### **29 Pela fé, passaram o mar Vermelho, como por terra seca; o que intentando os egípcios, se afogaram.**

- A alusão ao mar Vermelho refere-se ao braço de mar que divide a porção nordeste da África da Arábia, prolongando-se por cerca de 1.950 quilômetros, desde o estreito de Bab el-Mandeb, perto de Aden, na direção do norte, até à ponta da península do Sinai. Por cerca de mais 320 quilômetros os golfos de Suez e de Aqabah continuam para o norte, nos lados ocidental e oriental da península do Sinai, respectivamente. Nos tempos antigos, o nome “Mar Vermelho” incluía também os mares Arábico e Índico, na costa noroeste da Índia. Nas páginas do Antigo Testamento, esse mar é chamado de “Mar dos Vermelhos”, ou simplesmente, “o Mar” (ver Ex. 14.2,9,16,21,28). O nome “Mar Vermelho” veio de Edom (cujo significado é “vermelho”),

porquanto essa área estava localizada em seu extremo norte. Os gregos comumente usavam o nome “Mar Vermelho”.

- A tentativa e o fracasso dos egípcios, em seguirem aos israelitas pelo meio do mar, é algo historiado em Ex. 14.23. O êxodo tipificou a redenção que nos livra da servidão ao pecado. O livro de Êxodo, no Antigo Testamento, é o livro que mais aptamente tipifica a redenção. Ele ensina as verdades seguintes: 1. A redenção se deve inteiramente a Deus (Ex. 2.2 e Jo. 3.16-17). 2. A redenção é realizada pelo sangue (Ex. 12.13,23,27 e 1Pe. 1.18). 3. A redenção é realizada pelo poder de Deus (Ex. 6.6; 13.14; Rm. 3.24 e 8.2; sobre a redenção, ver Rm. 3.24 e 1Co. 1.30).

- A narrativa veterotestamentária do êxodo faz-nos lembrar que a redenção é obtida contra tremendas forças adversas, mas que o poder de Deus é suficiente para o seu povo crente. Também ensina-nos que os incrédulos não têm parte na redenção, embora possam tentar uma imitação da mesma. Uns andaram pela fé; outros, pela vista. Os últimos pereceram, aqueles primeiros foram salvos.

- Os israelitas se arriscaram, em obediência à ordem de Deus; e assim comprovaram a sua fé. Há certas coisas que se tornam possíveis somente à fé. A grandeza da fé do povo (israelita) foi acentuada pela sorte dos egípcios, cuja tentativa de seguir foi audácia e presunção e não fé.

### **Referências bibliográficas:**

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.

- COELHO, Alexandre; DANIEL, Silas. **Uma jornada de fé: Deus escolhe Arão e seus filhos para o sacerdócio**. Editora CPAD, 2013.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.

- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O legado de Moisés**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.

- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Uma Jornada de Fé – A formação do povo de Israel e sua herança espiritual**. Editora CPAD, 2014.

- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **O legado de Moisés**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O legado de Moisés.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O legado de Moisés.** Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal.** Editora CPAD, 2005.